

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2011

A HISPÂNIA NA BÍBLIA: ROM., 15; IMAC. 8

É razoavelmente conhecido o texto de *Rom.*, 15, 23-26; 28 em que este manifesta o propósito de viajar até à Hispânia, fazendo escala em Roma, onde buscaria orientação junto da comunidade cristã aí sediada sobre o modo de atingir tal destino¹:

“Mas agora, já não tenho com que me ocupar nestas regiões, e desejando há muito ir ter convosco, quando seguisse para Espanha (Spania), espero ver-vos de passagem, e ser encaminhado por vós naquela direcção depois de ter gozado um pouco da vossa companhia. Agora, porém, sigo para Jerusalém, em serviço dos santos (tois hagiois), porque a Macedónia e a Acaia houveram por bem fazer uma colecta para os pobres que há entre os santos de Jerusalém. Houveram-no por bem, e disso lhes eram devedores; porque, se dos bens espirituais participaram os gentios (ta ethne), devem também estes assistir-lhes com os bens temporais. Quando tiver levado a bom tempo essa missão e lhes fizer a entrega do produto da colecta, partirei para Espanha, passando por junto de vós”.

O termo usado para referir a região de destino de Paulo após a passagem por Roma é “Spania”, e surge, no encadeamento do afirmado pelo Apóstolo, como um lugar para a natural continuidade do seu trabalho evangélico, dele inteiramente desconhecido, visto que uma das razões que o leva a Roma é a de buscar orientação sobre a viagem.

Este excerto documenta aspectos muito interessantes para a biografia do grande apóstolo do cristianismo entre os habitantes do império romano que não pertenciam ao povo judaico, aqueles são chamados, no NT, *ta ethne*, traduzido em Português de forma diversa, “as nações”; “os povos”; “os gentios” ou “os pagãos”. Fornece também um autêntico programa de actividades desempenhadas e a desenvolver por S. Paulo, auxiliando o estabelecimento de uma cronologia relativa: as viagens de S. Paulo

¹ As citações da Bíblia seguem o texto de *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Missionários Capuchinhos, 1985, vv. Ed.

desenrolaram-se primeiramente na Ásia de ocupação romana, primeiros locais do estabelecimento de comunidades cristãs para além de Jerusalém, com Antioquia, Damasco, Mileto, Éfeso como lugares de destaque.

Quando escreveu a *Carta aos Romanos*, Paulo vinha de uma viagem na Europa romana, mais concretamente, da costa grega do mar Egeu: Filipos, Tessalónica, Atenas e Corinto, talvez, atendendo à informação que consta nos *Act.* 18, 23-28, 31, o que corresponde à sua terceira e última viagem apostólica. Atingida Jerusalém, no cumprimento da missão indicada na carta, ele é preso. Como cidadão romano, apelara para César, e é nessa condição de “prisão preventiva” que ele empreende a viagem até Roma. Os *Act.* assinalam uma viagem acidentada, com mau tempo, soldados e marinheiros desorientados, um naufrágio, que o conduz, a ele e aos companheiros, a Malta.

Aí permaneceram três meses, após os quais consegue, finalmente, embarcar para Roma, com uma escala em Siracusa. Assim, na cidade capital, ele é autorizado a permanecer em alojamento próprio com o soldado que o guardava. Três dias depois, Paulo apresenta-se aos judeus de Roma, descrevendo as circunstâncias judiciais que o haviam constrangido a apelar para César, em Roma.

Estes recebem-no com surpresa, alegando não terem recebido nenhuma carta, nem terem acolhido ninguém que falasse em nome de Paulo. Estavam, porém, alertados para o facto de a seita (*he hairesis*) que ele representava, por onde passasse, encontrava oposição. Por isso, estavam dispostos a ouvi-lo. Paulo deu o seu testemunho, mas a comunidade judaica não foi unânime na adesão à nova fé. Pelo contrário, discutiram uns com os outros e, por fim, separaram-se. E as últimas palavras de Paulo, em discurso directo, que constam nos *Act.*, reforçam o sentido de que a evangelização deve ser dirigida aos pagãos (*tois ethnesin*), pois os primeiros destinatários, os judeus, não se mostravam capazes de a acolher.

Segundo o epílogo, Paulo ainda permaneceu mais dois anos em Roma, no alojamento que tinha arranjado primeiramente, ou seja, vigiado por um guarda, mas podendo receber visitas. Em conclusão, é de crer que Paulo nunca tenha conseguido atingir a Hispânia, uma vez que permaneceu em Roma até ao seu martírio, que teria acontecido na sequência da perseguição aos cristãos movida por Nero. Assim, Clemente, Bispo de Roma a partir de 88, legou-nos, na *Primeira Epístola aos Coríntios* (5,1-6,1), o que se considera ser um testemunho credível quanto aos mártires de Pedro e de Paulo em Roma. Esta carta não deixa, contudo, de instalar a dúvida ao referir

que Paulo teria atingido, nas suas viagens pelo mundo inteiro conhecido, também o extremo ocidental. Será esta uma referência à Hispânia? ²

Não sendo nosso propósito discutir a presença real de Paulo na Hispânia, limitemo-nos a partilhar a reserva da maioria dos autores quanto ao sucesso de tal empresa, embora a missão de Paulo na Hispânia tenha adquirido uma plausibilidade algo mítica entre as fontes cristãs antigas e os autores medievais³.

Importa desmontar o que parece ser algum desacordo entre as informações da *Carta aos Romanos* e a narrativa dos *Actos*. Na primeira, a nova religião é apresentada a um destinatário pagão, isto é, sem ascendência judaica. Paulo tinha manifestado a vontade de visitar esta primitiva comunidade cristã num momento anterior aos seus conflitos com a autoridade romana e com as leis judaicas. Era, por isso, um homem livre de dispor do seu destino, e por isso, planeava já a viagem à Hispânia. A prisão relatada nos *Actos* ocorrerá na visita a Jerusalém que havia sido anunciada na carta aos Romanos.

O apelo a César, recurso permitido a todo o cidadão romano com escassos efeitos práticos⁴, é provavelmente acolhido por Paulo como um

² Clément de Rome. *Épître aux Corinthiens*, Sources chrétiennes 167. Paris: Cerf, 1971, 98–204. Datada dos fins do reinado de Domiciano (95-96), a cuja perseguição alude. 5, 7 (nossa tradução) “tendo ensinado a justiça ao mundo inteiro, tendo viajado até ao limite do Ocidente (*epi to terma tes duseos*), e sofrido martírio diante das autoridades, abandonou este mundo e aportou no Santo Lugar”. Também Eusébio de Cesareia, *HE* 2, 22, refere que Paulo foi preso na sua segunda visita a Roma, tendo sofrido então o martírio.

³ Argumentos reunidos por Roger D. Aus (Jul., 1979), “Paul’s Travel Plans to Spain and the “Full Number of the Gentiles” of Rom. XI 25”, *Novum Testamentum*: 232-262. Este autor refere a importância de Is. 66, 19, passo em que o Profeta do AT assume a universalidade do messianismo “*Eu virei para reunir os povos de todas as línguas; (...) operarei no meio deles um sinal; enviarei os seus sobreviventes às nações: a Târsis, à Etiópia e à Líbia, a Masac, Tubal e Grécia*”. Târsis pode ser o topónimo bíblico para “Tartessos”, lugar da costa do Levante Ibérico (pp. 242-243). Otto F. A. Meinardus, (Jun., 1978), “Paul’s Missionary Journey to Spain: Tradition and Folklore”, *The Biblical Archaeologist*, 41: 61-6

⁴ O direito de *Prouocatio*, concedido aos cidadãos romanos pela *Lex Valeria* (séc. IV), e reafirmados pela *Lex Iulia* e pela *Lex Porcia* (séc. II), visava proteger o cidadão romano do erro judicial e de punições consideradas indignas, em caso de condenação a pena capital. A vigilância da sua aplicação seria difícil, dada a extensão

modo ínvio de atingir o seu objectivo: atingir Roma, aumentando as possibilidades de alcançar, talvez, a liberdade.

Aí chegado, contudo, as expectativas de Paulo alteraram-se abruptamente: assim, enquanto cidadão romano de origem judaica, ele foi provavelmente autorizado a ficar num alojamento de um bairro judaico, com um guarda. Junto do seu povo tenta uma abordagem que é, claramente, a primeira que efectua junto desta comunidade. Estes judeus de Roma nunca haviam visto qualquer carta, nem ninguém tinha falado em nome de Paulo junto deles. O que sabiam, por ouvir dizer, é que a seita por ele representada era em todo o lado controversa (*pantakou antilegetai*).

Não foi para este destinatário que Paulo dirigira a sua carta, pois estes, judeus da diáspora, tinham tido um contacto subtil e não muito abonatório com o cristianismo: esta é uma seita controversa, ou seja, uma heresia que perturbava a tradição judaica. A estes não valeria a pena indicar a pretensão primeira de viajar até à Hispânia, já que muito caminho havia que ser lavrado até se mostrarem receptivos a apoiar a empresa. E, de todo o modo, Paulo estava com a liberdade condicionada, em anos que, coincidindo com o principado de Nero, foram também os primeiros de perseguição aos cristãos em Roma.

Nas passagens referidas, a *Carta aos Romanos* e os *Actos dos Apóstolos* revelam-se ainda documentos importantes para compreender alguns aspectos sociológicos e ideológicos que marcaram o advento do cristianismo: Paulo é o primeiro a dizer que a colecta recebida das igrejas da Macedónia e da Acaia, junto dos “gentios” (*ta ethne*), vai ser por ele entregue aos “santos” (*hoi hagioi*) de Jerusalém, com a justificação de que os primeiros devem partilhar os bens temporais (*tois sarkikois*)⁵ com quem se prestou a, em primazia, partilhar os bens espirituais (*tois pneumatikois*). Ou seja, o Apóstolo reivindica para os cristãos de Jerusalém um estatuto de primazia, os primeiros que receberam dons espirituais e que os distribuíram pelos povos não judeus.

Pode ser questionada a natureza destes “bens espirituais”, se eles decorrem da religião judaica, a partir da qual o cristianismo se ergueu, e,

do Império. Nos *Act.*, a reacção do procurador romano diante da reclamação de Paulo é um misto de incredulidade e de ironia, o que reforça a interpretação de que esta lei teria poucos efeitos práticos.

⁵ No sentido de bens físicos, materiais, como o emprego do adjectivo grego *sarkikos*, derivado de *sarks* “carne” permite depreender.

portanto, teriam os judeus um avanço natural na participação no projecto de salvação de Cristo, ou se decorre do episódio concreto de ter sido a partir de Jerusalém, da comunidade dos apóstolos que recebeu o Espírito Santo (*to pneuma to agion*) no Pentecostes, que o cristianismo se difundiu. Nos dois casos, contudo, Paulo não só contribui para um entendimento separado das duas comunidades, uma não judaica e não definida quanto ao lugar, outra, localizada geograficamente, de matriz judaica; como para a sua valorização distinta, colocando os de Jerusalém num estatuto superior, “os santos”.

Este entendimento, de que se está a lidar com duas comunidades distintas, mantém-se na escolha dos destinatários. A Carta é dirigida aos romanos, cristãos gentios, sensíveis ao argumento de que a fé é para ser espalhada pelo Império até à Hispânia, mas já o discurso de vinculação à matriz judaica, em *Act.* 28, 17-20⁶, é dirigido à comunidade de judeus em Roma.

Estes parecem razoavelmente distantes do núcleo de cristãos em Roma, pois ignoram todos os aspectos da novidade cristã, nunca foram visitados por mensageiros, o que nos deixa supor, em acordo com a Carta de Paulo, que os primeiros cristãos romanos não seriam judeus. Ou seja, as duas comunidades parecem sociologicamente estanques, sobrepondo-se o critério étnico à proximidade religiosa. Os judeus de Roma apenas conhecem o que lhes é comunicado a partir de outras comunidades judaicas, que é o aspecto da controvérsia e da heresia trazidos pelas revelações de Paulo, e mesmo estas sob a forma de rumores.

Para estes, o projecto da Hispânia seria um assunto muito secundário entre os interesses de Paulo. Durante um dia, Paulo falou-lhes de Jesus, explicando-O à luz de Moisés e dos profetas, e a partir deste momento a comunidade cinde-se entre alguns que acolhem a mensagem de Paulo e os que permanecem na tradição judaica. A conclusão dos *Actos*, feita por Paulo, mantém-se à luz desta divisão sociológica e religiosa: este povo (*ho Laos*) tem o coração endurecido, a salvação foi enviada às nações (*ta etnesin*), que a escutarão.

Surge também uma referência discreta à Hispânia no *Primeiro Livro dos Macabeus* (*IMac.*, 8, 3). O livro foi redigido em hebraico, embora só

⁶ “ - Irmãos, embora nada tenha feito contra o povo ou contra os costumes paternos, fui preso em Jerusalém e entregue às mãos dos romanos (...) Foi por este motivo que pedi para vos ver e falar, pois é por causa da esperança de Israel que estou envolto nestas cadeias”.

tenha sobrevivido a sua tradução grega. Teria sido escrito entre 135 e 63 a.C. De género narrativo, conta em tom heróico, a resistência judaica, liderada por Judas Macabeu, às perseguições movidas por Antíoco IV, um dos príncipes descendentes dos diádocos que herdaram as conquistas de Alexandre Magno. A hostilidade do Rei sírio que dominava então Israel apresentou contornos particularmente odiosos, na medida em que feria a religião judaica. Sucediã-se os actos de profanação ao templo de Jerusalém, e estalou a revolta entre os Judeus, primeiro liderada por Matatias, depois pelo seu filho, Judas.

A este coube a ideia de contactar os romanos para celebrar uma aliança que os protegesse da agressão selêucida. Esta aliança teve como fruto a independência de Israel sob a dinastia dos Hasmoneus, enquanto estado aliado de Roma, até aos anos 40 a.C. Citemos o texto que introduz, na narrativa dos *IMac.* 8, 1-3; 12-14, a aliança que viria a ser celebrada:

“Chegou aos ouvidos de Judas a fama dos romanos, que eram extremamente poderosos, mostravam-se benevolentes para com os seus aliados e ofereciam a sua amizade a todos os que a eles recorriam, porque, na verdade, o seu poder era muito grande. Falaram-lhe também das suas guerras, das suas façanhas na Galácia, que eles venceram e subjugaram, e de tudo o que fizeram na Espanha (Spania), onde se apoderaram das minas de prata e ouro que ali havia, conquistando todo aquele país com a sua sabedoria e constância, apesar de estar muito afastado deles (...) Mas conservaram a sua fidelidade aos seus amigos e aliados, estendiam o seu poder sobre todos os reinos vizinhos ou distantes, e, todos os que ouviam pronunciar o seu nome, temiam-nos. Aqueles a quem queriam ver reinar, reinavam, mas destituíam aqueles que não queriam. Deste modo, tornaram-se muito poderosos. Apesar de tudo isto, nenhum deles trazia diadema, nem se vestia de púrpura, para se engrandecer...”

O discurso elogia os actos e o carácter dos romanos do período da expansão republicana, em contraponto aos actos do reinado selêucida, de origem alexandrina. Os romanos não transportam as insígnias do poder real, o diadema e a púrpura, são fiéis aos povos aliados e amigos, mas subjagam quem se opõe aos seus interesses. São contadas as façanhas desde a Galácia, a Oriente, vencida e subjugada, até à distante Hispânia, à qual os romanos estenderam o seu poder e de cujas minas de ouro e prata se apossaram. Continua-se, num excerto que omitimos, a enumeração dos territórios e

reinados engolidos pelo poderio de Roma: Filipe e Perseu, reis da Macedónia; Antíoco o Grande, rei da Ásia, cedeu-lhes territórios na Índia, na Média, na Lídia; os gregos opuseram-se-lhes, e foram derrotados por um general, que destruiu as suas cidades e reduziu as suas gentes à servidão. Não são precisados no texto os nomes ligados à derrota da Grécia, mas pensamos que os referentes são o general Lúcio Múmio e a Batalha de Corinto, que pôs termo às aspirações da Liga Aqueia, liderada por Corinto, em 146 a.C.

O tratado entre os romanos e os judeus é celebrado de facto, e, em *IMac.* 8, 23-30, temos a cópia da carta que os romanos fizeram gravar em bronze e levaram para Jerusalém, como sinal de paz e amizade entre os dois povos.

A referência à Hispânia é feita num contexto de introdução encomiástica aos feitos expansionistas e à missão civilizadora e mediadora dos romanos. Não deixa, contudo, de haver informação histórica, tanto mais interessante que nos é fornecida por uma fonte não romana e não constitui o assunto primordial da carta. Os romanos subjugarão a Hispânia apoderando-se dos seus recursos mineiros, do ouro e da prata, e conquistaram todo o território com sabedoria e constância. Ou seja, pacificaram-no, apesar de lhes ser um território distante.

De facto, a ocupação romana das Hispânias, conheceu diversos momentos: os conflitos da segunda guerra púnica (218-201 a.C.); o período de resistência das tribos locais, entre 154 e 133 a.C., com a morte de Viriato a ocorrer em 139; por fim, o período da instabilidade provocada pela guerra civil entre Mário e Sila, já nos inícios do séc. I. A Hispânia tornou-se, contudo, uma província promissora em metais preciosos⁷, e também aquela que registou uma romanização mais estável, em particular após o Principado de Augusto.

A observação de que a Hispânia era um território distante para os romanos vem mostrar que, de facto, a percepção das distâncias é relativa, ontem como hoje. Assim, a Hispânia fica mais próxima da Península Itálica do que a Ásia Menor e mesmo o Egipto! Mas o autor mede a distância geográfica com base na proximidade cultural, ou civilizacional: o Oriente povoado e civilizado, com uma história de milénios, olha para o distante

⁷ Diodoro Sículo, (*Bibliotheca Historica*, 5, 36, 37) dá conta dos enormes recursos humanos e tecnológicos usados pelos romanos nas minas da Bética. Tito Lívio (*AUC*, 34, 46, 2) apresenta como motivação para a Segunda Guerra Púnica o acesso às minas de prata do sul da Península.

Ocidente, o extremo ocidental da expansão romana e do mundo conhecido de então, e avalia-o como “afastado”.

Podemos encontrar a mesma percepção subjectiva do espaço conhecido e ocupado pelo homem de então nas palavras do Bispo Clemente de Roma (vide n. 2). Assim, Paulo viajou por todo o mundo (*holos ho kosmos*), desde o Oriente, até ao extremo Poente, não se precisando onde fica este limite. É onde o sol se põe. Mas para alguém nascido em Jerusalém, como Clemente, viajar para Roma já era viajar para Oeste! Apesar disso, não é improvável que Clemente, e os outros autores cristãos após ele, que mencionaram de modo ainda mais explícito a gesta hispânica de Paulo, quisessem, de facto, homenagear o propósito do Apóstolo incansável.

Para além da percepção subjectiva do espaço na menção aos “extremos ocidentais” como a Hispânia, e da vontade de conceder veracidade a um discurso que, na *Carta aos Romanos*, nos foi passado como potencial, colocamos a hipótese de as duas referências à Hispânia, a do AT e do NT, se encontrarem, se não enquanto referentes intertextuais (ou seja, Paulo conhecia o *IMac.*), pelo menos na mesma linha ideológica, enquanto recurso retórico para sustentar a imagem de um império romano universal a unir os extremos da terra, Oriente e Ocidente.

Assim, durante a sua vida de apóstolo, Paulo conheceu e evangelizou as metrópoles romanas da Ásia e da Acaia. Na sua missão de expandir o Evangelho pelas nações, Roma tornou-se um destino desejado, pré-anunciado à comunidade cristã romana por uma carta, mas também um destino circunstanciado, na medida em que o alcançou limitado na sua liberdade. A Hispânia mencionada em *Rom.* surge sem que indique qualquer comunidade aí residente, numa total ausência de referentes concretos, pontos de apoio, ou porto de abrigo. O que saberia Paulo da Hispânia, concretamente? Pouco ou nada, tanto que esperava que a comunidade romana o orientasse. Neste sentido, viajar para Roma era cumprir uma etapa para o Ocidente, depois de ter evangelizado a Ásia Menor até à Galácia, ou seja, o interior oriental do Império romano, já na actual região da Anatólia.

A enumeração dos feitos e das virtudes dos romanos presente em *IMac.* apresenta já uma visão providencial desta globalização alcançada pela submissão de vastos territórios, desde o Oriente ao Ocidente, ao poder e à lei romanos, os dois simbolicamente identificados pela Galácia e pela Hispânia, respectivamente. A enumeração alonga-se, incluindo os territórios da herança alexandrina, hostilizada pelos judeus quando o surto nacionalista se levanta contra os selêucidas.

A aliança política alcançada entre romanos e judeus foi por estes entendida como favorável, porque lhes devolveu a liberdade religiosa e protecção contra os abusos dos reinos helenísticos vizinhos. Também Paulo soube aproveitar as vantagens de viver num mundo em que um cidadão romano, helenizado na sua cultura, mas judeu de nascimento e de religião, podia circular pelo mundo habitado conhecido em cumprimento da sua missão, nomeadamente as vantagens decorrentes da sua cidadania. Passar por Roma a caminho da Hispânia faria parte da sua missão de evangelizar as nações para além do particularismo judaico, mas também nos revela a leitura política do mundo segundo Paulo, que é um mundo feito à medida do império romano do séc. I d.C.

Considerada desta maneira, a viagem à Hispânia mencionada por Paulo a um destinatário não judeu e habitante do centro do império, pode ser interpretada como um modo de vincar a universalidade do cristianismo segundo uma leitura deste universo também ela romana.

PAULA BARATA DIAS